

P

A/Z

ISSN 1807-9873



Cadernos de Tradução

Número 34 - jan / jun - 2014

Robert Musil:
sobre a estupidez,
os livros e a literatura

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

ISSN 1807-9873

Nº 34, jan/jun de 2014

**Robert Musil: sobre a estupidez,
os livros e a literatura**

Organizador

Gerson Roberto Neumann

Instituto de Letras - UFRGS



Sumário

INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Vice-Diretora: Prof^a. Maria Lucia Machado de Lorenci

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^a. Denise Regina de Sales

Prof. Gerson Roberto Neuman

Prof^a. Karina de Castilhos Lucena

Organizador deste número:

Gerson Roberto Neumann

O porquê da tradução / 5

Robert Musil: sobre a estupidez, os livros e a literatura

Robert Musil: vida e obra / 7

Gerson Roberto Neumann

Livros e literatura / 13

Renata Ramisch

Da estupidez / 23

Henrique Garcia

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica
do Instituto de Letras

Imagem de capa: Robert Musil-h

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/letras>

E-mail: iletraspublic@ufrgs.br

O porquê da tradução?

Robert Musil é um autor difícil!

Sim, temos em mãos dois textos de um autor de leitura difícil, mesmo em Português! A decisão foi dos estudantes do curso de Tradução do Alemão IV, apoiada por mim. No início de cada semestre da referida disciplina, ofereço possibilidades de tradução aos estudantes, mas sempre existem outras possibilidades de tradução. Ocorreu que um estudante trouxe Robert Musil para a discussão. Um autor pouco traduzido para o Português e difícil. Sua obra principal, *O homem sem qualidades* e *O jovem Törless* já estão traduzidos. Pensou-se em dois textos ainda não traduzidos e se chegou à importante palestra *Über die Dummheit* e ao ensaio *Bücher und Literatur*. Ambos são textos relevantes para a área de Letras e por isso espera-se apresentar aqui o resultado de um trabalho de praticamente dois semestres de traduções, reflexões, discussões, revisões, correções, leituras e releituras e, permanecendo bem ao estilo Musil, certamente não conseguimos alcançar o êxito desejado. Contudo, estamos satisfeitos com o que conseguimos produzir.

Pensou-se trazer à comunidade do Instituto de Letras da UFRGS, e esperamos de outras unidades também, a possibilidade de ler dois textos deste importante escritor, pensador e crítico austríaco neste número do *Cadernos de Tradução*. Como nome deste número, pensamos: *Robert Musil: sobre a estupidez, os livros e a literatura*.

A tarefa de traduzir não é fácil, ainda mais dialogando diretamente com os textos repletos de ironia do autor que questiona toda a forma de produção e sua função. Ao mesmo tempo, no entanto, é gratificante poder com-partilhar com outros leitores (também chamados à discussão e provocados por Musil) as reflexões deste autor contidas em textos pouco citados e ainda não traduzidos para o Português.

Na tarefa de traduzir, há momentos de tomada de decisão, escolhas que podem ser questionadas logo após a sua fixação. Isso certamente ocorrerá após a colocação a público a tradução de Renata Ramisch e Henrique Garcia. Esse passo faz parte do processo e significa uma nova fase no processo de tradução.

O presente número é composto de três partes: primeiramente será apresentado o autor e sua obra, assim como os dois textos traduzidos. O primeiro texto traduzido, o ensaio *Bücher und Literatur*, tem como característica uma forma irônica e provocadora do autor no modo como aborda o contexto de produção e crítica literária em um cenário de crise ideológica. O segundo texto, mais longo, a palestra *Über die Dummheit*, é mais conhecido que o anterior, certamente pelo seu tema, de caráter claramente provocativo em meio a inquietações políticas e à ascensão de Hitler no cenário alemão e que um ano após a palestra anexará a Áustria. É importante que se leia a palestra com atenção ao contexto histórico. Por se tratar de uma palestra, tem-se a referência ao público presente no texto. Apesar de se tratar de uma palestra, ou seja, um texto proferido a um público *in loco*, a linguagem do texto é também rebuscada e com redação complexa, com longas frases, muitas orações subordinadas, muitas parênteses e muitas inserções de pensamentos.

Apesar do grau de dificuldade de traduzir Robert Musil, o prazer também esteve presente. A intenção com a publicação dos dois textos de Robert Musil é torna-los acessíveis aos não leitores de Alemão. Trata-se de textos relevantes para a área de Letras e também para outras áreas do conhecimento. Além disso, quer-se evitar que o bom trabalho dos estudantes acabe em gavetas e se perca no tempo.

Gerson Roberto Neumann
Organizador

Robert Musil – Vida e obra¹

Por Gerson Roberto Neumann²

“Falar muito sobre si mesmo parece estúpido.
Isso pode ser contornado pela humanidade de um modo curioso:
por meio do escritor.”

Robert Musil³

Queremos, portanto, apresentar aqui Robert Musil nas palavras do próprio autor:

“Eu nasci no dia 6 de novembro de 1880 na cidade austríaca de Klagenfurt, capital do estado de Kärnten. Meu pai, Alfred von Musil, foi engenheiro em uma fábrica e depois, por longo tempo, até sua morte, professor de Engenharia Mecânica na Escola Técnica Superior de Brunn. Mas minha infância eu passei na antiga cidade de Steyr, na Alta Áustria, para onde meu pai tinha se mudado naquela época para ser diretor de uma escola técnica.

Quando eu tinha pouco mais de dez anos, nós nos mudamos para Brunn. Lá eu fui à escola. Preciso dizer aqui que três origens compõem minha origem: metade do meu sangue é de sudetos (Sudeten) alemães; um terço, que me dá o nome, é tcheco. Os Musil, dos quais eu provenho, são de uma linhagem muito antiga de agricultores na Morávia, mas meu avô emigrou, pois se formara médico, fixando-se em Graz, onde adquiriu

1 A elaboração deste texto sobre a vida e a obra de Robert Musil está baseada nas informações contidas na página da internet da Sociedade Internacional Robert Musil (Internationale Robert Musil Gesellschaft (IRMG)) <http://www.musilgesellschaft.at/musil.htm>. Cabe mencionar neste momento, que na página referida há um link referente à recepção de Musil no Brasil e lá encontra-se o texto “Musil in Brasilien – (Um) Wege der Rezeption” [Musil no Brasil – (des)vios da recepção], de Erica Gonçalves de Castro.

2 Professor Adjunto do Setor de Alemão da UFRGS.

3 Imagem extraída da Sociedade Internacional Robert Musil (Internationale Robert Musil Gesellschaft (IRMG)) <http://www.musilgesellschaft.at/musil.htm>.

uma área de terras, na qual nasceram meu pai e seus irmãos, crescendo sem saberem muito de suas origens. Minha avó paterna vem de Salzburg.

Minha mãe vem de Linz, a capital da Alta Áustria, junto ao Danúbio. Seu pai viera da Boêmia para trabalhar na construção da primeira estrada de ferro entre Linz e Budweis. Como diretor da companhia, ele ficou lá até a sua morte. Também sua esposa, minha avó materna, vem da Boêmia. Suas duas origens, de Bergau e da Boêmia, ambas nobres, também perderam as ligações com a pátria e espalharam-se por toda a monarquia. Nesse sentido, foi um acaso que juntou os meus pais e os levou de volta ao ponto de partida. Nenhuma ligação com tradições ou um desejo os levou a isso. E felizes eles não estavam pelo fato de o destino não os deixar sair de lá.

Eu, da minha parte, pelos doze anos os deixei e fui internado em um instituto para a formação de oficiais. Os motivos que levaram a isso, quero pular aqui e afirmo que o desejo do jovem imberbe era por alguma atividade de homem com autonomia conquistada por estar fora do acolhedor lar. Pois justamente esse impulso afetivo deveria dar lugar ao contrário com ainda maior intensidade”.

Essas são algumas palavras do próprio Robert Musil sobre si mesmo. Cremos que bastam essas poucas, pois muito não se deve falar sobre si mesmo. Falemos, pois, algo sobre a sua obra e, depois, passemos a dois textos ainda não traduzidos para o Português.

Dados bibliográficos

Robert Musil. Como se pode ver acima, nasceu no dia 6 de novembro de 1880, em Klagenfurt. Ele morre no dia 15 de abril de 1942, exilado em Genebra, onde ele vivia como escritor, ensaísta e crítico. Antes ele viveu também em Berlim e em Viena.

Musil reagiu em suas obras literárias e também jornalísticas às inquietações da Europa das primeiras décadas do século XX e, baseado na formação científica e humanística, expressou a revolução no pensamento de sua época.

Com sua grande obra, o romance *Der Mann ohne Eigenschaften* [O homem sem qualidades], publicado em partes em 1930 e 1932, o autor conseguiu alcançar notoriedade em meio às inquietações políticas originárias das atividades do regime nacionalista. O romance, porém, permaneceu incompleto. Contudo, segundo a biografia apresentada pela Sociedade Internacional Robert Musil, no lugar do romance que permaneceu incompleto, Robert Musil deixou “um laboratório filosófico-literário em milhares de manuscritos”.

Os dados relativos à produção dessa importante obra são tão interessantes que cremos relevante apresentá-los a título de curiosidade: o trabalho sobre a

novela começou em 1921. O primeiro volume do romance de três livros surgiu em 26 de novembro de 1930, e a primeira parte do segundo livro em 1932. Musil trabalhou na obra sob as mais difíceis condições até sua morte, em 1942, não conseguindo completá-la. O autor deixou no “seu laboratório” 12 mil folhas com 100.000 notas e referências, a partir do que os editores posteriores construíram a continuação da novela a seu próprio critério. Inicialmente estava prevista para 2005 uma versão digital das obras completas (edição de Klagenfurt), mas esta foi publicada somente em 2009.

Ao se mencionar o nome Robert Musil, pensa-se imediatamente na obra acima citada, mas cabe lembrar da obra *Die Verwirrungen des Zöglings Törleß* (1978), traduzida para o Português sob o título *O jovem Törless* (1980).

O jovem Törless é o primeiro romance de Robert Musil. A primeira edição foi publicada em 1906 pela editora chamada Wiener Verlag. Com base na representação psicológica da puberdade de quatro estudantes, o romance reflete de modo exemplar as estruturas sociais autoritárias, estabelecendo uma conexão entre a disposição psíquica e a instituição ditatorial. A ação se passa no contexto de busca do ego e da descoberta na figura do jovem Törless no espaço de tensão entre a racionalidade e a emotividade de um lado e do intelectualismo e experiência mística do mundo de outro.

A palestra *Über die Dummheit* [Sobre a estupidez], texto muito conhecido e repetidamente publicado, foi originalmente proferida em 11 e 17 de março de 1937, em Viena, a convite da Federação Austríaca do Trabalho. O autor está consciente que estará se movendo em um terreno perigoso, porque está claro para ele que quem fala sobre a estupidez (de outros) rapidamente pode assumir posição de arrogância e vaidade - e estes dois conceitos, de acordo com Musil, são irmãos de estupidez. Estas reflexões sobre a dificuldade de abordagem do tema estão no próprio texto.

Sua fenomenologia da estupidez não é logicamente derivada, não dedutiva. Em vez disso, ele se aproxima das palavras, dos conceitos, como se poderia esperar de um escritor. Como a estupidez pode se aproximar muito do conceito de sabedoria, Musil tem receio de adentrar nesse terreno e, opta por concluir: “E, com o pé no limite, declaro que não estou em condições de ir mais além, porque com um só passo estaríamos fora do âmbito da estupidez, que até em teoria é variado e interessante, e entraríamos no da sabedoria, uma região árida e geralmente evitada pelos homens”⁴

No ensaio “Bücher und Literatur”, último ensaio no pequeno livro intitulado *Das hilflose Europa*, que reúne ainda os ensaios “Das hilflose Europa oder Reise vom Hundertsten ins Tausendste” e “Die Frauen gestern und morgen”, traz uma reflexão sobre a atividade do crítico literário e o ato de ler.

4 Ver “Sobre a estupidez”, texto traduzido por Henrique Garcia.

Em um texto dividido em partes interligadas quanto ao tema, Musil traz uma reflexão irônica sobre a função do crítico e sua função no cenário literário, assim como a função do leitor nesse processo. Para ilustrar, cite-se a pergunta que dá o título ao segundo subcapítulo: “Os escritores não sabem escrever ou os leitores não sabem ler?” Além disso, o autor também aborda a existência de gênios na produção literária, perguntando-se se de fato existem gênios? Se já existiram? Ou se existem somente gênios. A reflexão do autor em torno de crise existencial na literatura no início do século está neste breve, mas profundo texto.

Sobre a reflexão em torno do fazer literário e sua crítica, tema que perpassa a temática dos dois textos traduzidos do autor e apresentados aqui, a pesquisadora de Robert Musil, a também austríaca radicada no Brasil, Kathrin Rosenfield escreve, citando o autor:

A literatura não tem como tarefa descrever o que é, mas aquilo que deve ser, ou aquilo que poderia ser, enquanto solução parcial daquilo que deve ser. Em outras palavras: Literatura fornece imagens simbólicas para a reflexão (Sinnbilder). Ela é doação de sentido (Sinngebung). Ela é interpretação da vida (Ausdeutung). A realidade é para ela o material. (Mas: ela dá também modelos (Vorbilder). Ela oferece propostas parciais).⁵

Referências

- CASTRO, Erica Gonçalves de. Musil in Brasilien – (Um)Wege der Rezeption. In: <http://www.musilgesellschaft.at/texte/Musil%20international/Musil%20in%20Brasilien.pdf>. (Acessado em 16 de maio de 2014).
<http://www.musilgesellschaft.at/index.html>
- MUSIL, Robert. *Der Mann ohne Eigenschaften* – online-Version auf Scribd.
- MUSIL, Robert. *Der Mann ohne Eigenschaften* (1930 erschien ein Erstes Buch, enthaltend Teil 1. Eine Art Einleitung und Teil 2. Seinesgleichen geschieht; ein Zweites Buch blieb unvollendet, es wurde und wird noch in verschiedenen Ausgaben aus dem Nachlass (re)konstruiert). Rowohlt, Reinbek.
- MUSIL, Robert. *Die Verwirrungen des Zöglings Törless*. Wien/Leipzig: Wiener Verlag, 1906. (Erstausgabe)
- MUSIL, Robert. *Das hilflose Europa (Drei Essays)*. München: R. Piper & Co Verlag, 1961.
- MUSIL, Robert. *O jovem Törless*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

⁵ Ver o blog do Instituto Moreira Sales, em publicação de 16.03.2012: <http://www.blogdoims.com.br/ims/um-escriptor-mais-inteligente-que-o-necessario-por-kathrin-rosenfield/>. (Acessado em 17 de maio de 2014).

- MUSIL, Robert. *O Homem sem Qualidades*. Trad. Lya Luft & Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- ROSENFELD, Kathrin. Um escritor mais inteligente que o necessário. In: *Blog do Instituto Moreira Sales de 16.03.2012*. <http://www.blogdoims.com.br/ims/um-escriptor-mais-inteligente-que-o-necessario-por-kathrin-rosenfield/>. (Acessado em 17 de maio de 2014).
- ROSENFELD, Kathrin. Fronteiras da cultura: o luto das sínteses (in)acabadas. In: www.malestarnacultura.ufrgs.br. (Acessado em 17 de maio de 2014).
- ROTHMANN, Kurt. *Kleine Geschichte der deutschen Literatur*. Stuttgart: Philipp Reclam jun. 2003.

Livros e literatura

Tradução: Renata Ramisch¹

Revisão: Gerson Roberto Neumann²

Aviso

O “Departamento Literário de Proteção Local” do crítico! Quero adiantar que não entendo absolutamente nada disso, e gostaria logo de acrescentar em que se baseia minha aptidão como crítico: eu não gosto de ler livros.

Lembro-me de há anos raramente ter lido um livro até o final, a menos que fosse algum livro científico ou um romance muito ruim, no qual os olhos ficam presos, como se engolíssemos um grande prato de macarrão embebido em aguardente. E se, em ao invés disso, um livro for de fato uma obra poética, raramente passa-se da metade; no decorrer da leitura cresce uma resistência proporcional ao lido, até hoje inexplicável. Não é diferente de como se a passagem pela qual o livro deveria entrar se fechasse de forma densa, agitada e convulsiva. Quando lemos um livro, entramos imediatamente em um estado que não é mais natural; sentimo-nos submetidos a uma operação. Nesse caso, é nos colocado um funil na cabeça e um indivíduo estranho tenta nos incutir seus pensamentos e suas emoções. Não é surpresa que se tente escapar dessa imposição assim que possível!

Os americanos são pessoas diferentes. Um homem como Jack London, que é uma pessoa ativa e inteligente, não se considera bom demais para, no agradável capitão Marryat, que alegrou nossa infância, ir à escola e desenrolar totalmente seu novelo de lã de ovelha selvagem, que, com razão, ele assume como sendo o interior de seus leitores. Quando se dá o caso de ele conseguir inserir sorrateiramente um ou outro pensamento profundo ou uma cena poderosa, ele fica muito satisfeito, pois trata a literatura como um negócio

¹ Estudante do curso de Bacharelado Português/Alemão da UFRGS.

² Professor Adjunto do Setor de Alemão da UFRGS.

para homens, que precisa oferecer algo ao comprador e ao vendedor. Nós, alemães, ao contrário, praticamos uma literatura genial de tal profundidade que chegamos ao moralmente kitsch. O autor sempre é um homem extraordinário; ele se sente extraordinariamente ousado ou extraordinariamente ordinário; ele sempre difunde o seu sistema intelectual desta ou daquela maneira para nós, para que a imitemos. Raramente ele é um homem que vê o entretenimento como sua obrigação, e quando o faz, geralmente afunda sem resistência em um entretenimento geral desmedido como uma explosão de sentimentos de serenidade ou de sentimentalismo. (Talvez seja possível aprofundar isso mais tarde.) De resto, haveria pouca objeção em relação ao impulso à genialidade em uma literatura. Apenas isso, naturalmente: a maior das nações não consegue produzir o número suficiente de gênios para uma literatura como essa.

Os escritores não sabem escrever ou são os leitores que não sabem ler?

Diz-se que a culpa é dos livros, e que os escritores alemães não sabem escrever. Esta é uma hipótese adorável e plausível para explicar o típico descontentamento ao qual somos levados no ato da leitura de livros. No entanto, nunca devemos esquecer que isso é apenas uma hipótese! Como todas as hipóteses, ela esconde um fato em um excesso, e se quisermos nos ater à pura verdade que está presa à afirmação de que os escritores não sabem escrever, então somente é possível afirmar que os leitores alemães não sabem mais ler. Essa é a única questão certa e da qual é possível partir. Nós, os leitores alemães, sentimos hoje uma resistência fundadora e inexplicável contra nossos livros. Todo o resto é extremamente obscuro. E também não está claro de quem ou de que é a culpa. Por isso, será que é bom, para o bem ou para o mal, em primeiro lugar analisar como de fato uma pessoa lê atualmente, sendo que ela não sente prazer na leitura de livros e mesmo assim dedica seu tempo para eles?

Queremos abordar esta questão com muito cuidado para não dar a impressão de que temos uma resposta satisfatória, o que levaria nossos editores a uma corrida do ouro.

Também não queremos tomar aquelas pessoas, as vítimas satisfeitas da literatura em sequência, entre as quais ainda pulsa uma verdadeira paixão, mas somente aquelas que leem com a mesma seriedade com que se escolhe um Concílio da Igreja ou o nome do primogênito.

Hoje não existe gênio

Agora, do convívio com elas constata-se imediatamente um aspecto que, sem dúvida, faz parte desta análise: quando dois desses tais responsáveis se

encontram em algum lugar e a conversa toma um rumo mais elevado, não se passam mais de cinco minutos sem que eles formulem, de comum acordo, uma afirmação que pode ser resumida nas seguintes palavras: hoje já não há mais nenhum grande trabalho e nenhum gênio!

Com isso, eles não pensam de forma alguma na área que eles mesmos representam. Também não se trata de um tipo específico de nostalgia em relação aos velhos tempos. Pois se nos apresenta o seguinte quadro: de forma alguma, os cirurgiões consideram a época de Billroth melhor em termos cirúrgicos do que a deles; os pianistas estão certos de que a arte do piano fez progressos desde a época de Liszt; e mesmo os teólogos escondem a crença de que esta ou aquela questão eclesial é hoje mais precisamente conhecida do que na época de Cristo. Pois, ao passo que os teólogos começam a falar sobre a música, a poesia ou as ciências naturais, os naturalistas sobre a música, a poesia e a religião, e os poetas sobre as ciências naturais e assim por diante, é que todo mundo se mostra convencido de que os outros não estão fazendo exatamente o certo e, apesar de todo o talento, na contribuição que eles devem à universalidade, ficam devendo o mais importante, o essencial, exatamente aquilo que faria de cada um o gênio.

Este pessimismo cultural à custa de outros é hoje um fenômeno generalizado. Ele está em uma estranha contradição em relação à força e à habilidade que são desenvolvidas em detalhes em todos os lugares. Tem-se a impressão de que um gigante, que come, bebe e faz muito, não quer saber nada sobre isso e se declara apático e fraco como uma jovem menina, cuja própria anemia a cansa. Há muitas hipóteses para explicar esse fenômeno, começando com o fato de que ele é visto como a última etapa de uma humanidade que está ficando sem alma, até o ponto em que aparece a primeira etapa de algo novo. Seria bom não multiplicar essas hipóteses sem a necessidade de uma nova e, de preferência, que se sondasse a possibilidade de outros fenômenos novos.

Só existem gênios

Pois, aparentemente em contradição à mania da crítica descrita acima está a facilidade com que é possível fazer hoje o maior dos elogios se ele couber bem a alguém, e é provável ainda que se esteja intimamente relacionado a esta pessoa.

A pessoa dá-se ao trabalho e reúne durante longo tempo nossas resenhas de livros e ensaios com a intenção, e seguindo os métodos, de obter a partir deles um retrato do movimento intelectual da época. Passados alguns anos, ficar-se-á muito surpreso sobre quantos intelectuais impactantes, mestres da representação, poetas maiores, melhores e mais profundos, grandes poetas e finalmente mais uma vez um poeta fantástico foram oferecidos à nação durante esse período, e com que frequência foi escrita a melhor história de animais, o

melhor romance da última década e o mais belo livro. Tendo muitas vezes a oportunidade de folhear essas coleções, há de se surpreender toda vez diante da intensidade dos efeitos imediatos, dos quais na maioria dos casos dali a poucos anos não mais se ouve falar.

Pode-se fazer ainda uma segunda observação. Mais ainda do que críticos isolados, círculos inteiros estão hermeticamente fechados uns contra os outros. Eles são formados por certos tipos de editoras às quais pertencem certos tipos de autores, críticos, leitores, gênios e sucessos. Pois o que chama atenção é que é possível ser um gênio em cada um desses grupos caso se atinja determinado número de cópias vendidas, sem que os outros grupos percebam isso. É possível que na maioria dos casos uma parte do público deserte de uma bandeira para a outra; é certo também que em torno do autor mais lido se crie um público próprio, vindo de todos os agrupamentos. Porém, se for feita uma lista dos mais bem-sucedidos por ordem de quantidade de cópias vendidas, percebe-se imediatamente, a partir desse conjunto, o quão pouco as raras mentes brilhantes que fazem parte dele são capazes de atingir de forma construtiva o gosto do público em geral e quão pouco de dissuadi-lo de voltar-se com o mesmo entusiasmo para uma mediocridade obscura. Estes poucos, apresentados de modo geral, que passam para a outra margem perdem cada canal da rede antes estabelecida quando deixam de fazer sucesso.

Este particularismo se mostra ainda mais impressionante quando a abordagem não se limita apenas à Bela Literatura. Nem é preciso dizer quantas Romas existem, em cada uma das quais se encontra um papa. Nada significa o círculo de George³, o anel em torno de Blüher⁴, a escola em torno de Klages⁵ contra a miríade de seitas que esperam pela libertação da alma através da influência do ato de comer cerejas, do teatro de acampamento no jardim, da ginástica rítmica, da organização da casa, da eubiótica, da leitura do Sermão da Montanha ou de qualquer outra das milhares de particularidades. E no centro de cada uma dessas seitas está o grande Fulano,

3 Stefan George nasceu em Bingen, na Alemanha, em 1868. Viveu em Paris, encontrando-se entre os escritores e artistas que frequentavam os serões das terças-feiras do poeta Stéphane Mallarmé. Começou a publicar poesia na década de 1890, quando ainda não tinha 30 anos de idade. George fundou e editou a importante revista literária *Blätter für die Kunst* (Folhas para a arte). Também esteve no centro de um influente círculo literário e acadêmico conhecido como *Georgekreis* (Círculo de George), que incluía um grande número de jovens escritores da época (como, por exemplo, Friedrich Gundolf e Ludwig Klages). Além de partilhar os seus interesses culturais, o círculo artístico refletia sobre temas místicos e políticos.

4 Hans Blüher nasceu em 17 de fevereiro de 1888, em Freiburg, na Silésia, e morreu em 4 fevereiro de 1955, em Berlim. Foi escritor e filósofo. Tornou-se conhecido ainda jovem como um dos primeiros membros e “primeiro historiador” da organização chamada *Wandervogelbewegung*, segundo a qual o jovem, em certo momento de sua vida, deveria se desvincular da tradição escolar e criar na natureza um estilo de vida próprio. Tal movimento é o precursor do movimento estudantil.

5 Friedrich Wilhelm Konrad Eduard Ludwig Klages nasceu em 10 de dezembro de 1872, em Hannover, e morreu em 29 de julho de 1956, em Kilchberg, na Suíça. Foi um filósofo alemão e psicólogo, além de fundador da grafologia científica expressiva.

um homem de cujo nome os não iniciados nunca ouviram falar, mas que, em seu círculo, desfruta da adoração de um salvador do mundo. A Alemanha inteira está cheia de tais sociedades nacionais espirituais; na grandiosa Alemanha, onde dos dez principais escritores, nove não sabem como sobreviver, inúmeros semiburros arrecadam fundos para o desenvolvimento de sua propaganda, a impressão de livros e a criação de revistas. Não tenho os números atuais em mãos, mas antes da guerra surgiam na Alemanha a cada ano mais de mil novas revistas e muito mais de 30 mil novos livros, e naturalmente imaginamos que isso era um claro sinal de nosso estado de espírito elevado. Pode-se supor da mesma forma, talvez, que esse excesso é um sinal ignorado de um delírio em expansão, cujos pequenos grupos se reúnem durante toda a sua vida em torno de uma ideia fixa, de modo que hoje deve ser realmente difícil para um verdadeiro paranoico resistir a uma competição de amadores entre nós.

Apenas literatura

A forma como uma pessoa, que tem uma ocupação e gostaria de ler tão naturalmente como respirar fundo quando se sai do escritório, se defende contra esse ar pesado que dificulta a respiração, manifesta-se no fato de que ela explica, em sua defesa, que tudo isso é “apenas literatura”. Enquanto no passado conceitos como escritor pedante e crítico mesquinho trabalharam contra certos excessos na literatura, hoje a palavra literato em si tornou-se uma ofensa. Apenas literatura significa algo como traças que voam ao redor de luzes artificiais, enquanto lá fora está raiando o dia. O homem ativo se sente perseguido pela inquietação causada pela literatura, e quem ainda não o teria ouvido explicar, recém-decidiu, que ele encontra mais poesia e estarecimento em relatórios do tribunal, livros de viagens, biografias, discursos políticos, falas corporativas, experiências à beira do leito de enfermos, escaladas de montanhas ou dentro da fábrica do que na própria literatura contemporânea. Daí até a convicção de que nessa “época que se movimenta rapidamente e sacudida por grandes operações”, na qual apenas o pequeno artigo ou o folhetim seria arte realmente viva, o caminho não é longo. Ele garante que a vida é o maior poema, e tem a vantagem de elevar-se, assim, à categoria de gênio poético, pois cada um é de certo modo o autor de sua experiência de vida. Com isso, porém, o último leitor desapareceu e restam apenas os gênios.

Então, temos de estudar apenas uma questão: como os gênios leem?

No entanto, isso já se sabe. Gênios têm a peculiaridade de raramente reconhecerem os sucessos de outros gênios. Eles leem apenas a confirmação de seus próprios pontos de vista, e isso os aborrece. As aves migratórias fazem o mesmo em relação a si próprias, assim como os psicanalistas fazem o mesmo

em relação a eles próprios. Eles mesmos sabem-no melhor (e isso de fato é assim). Portanto, eles leem com um lápis na mão, e dele provêm os pontos de exclamação e as anotações. E sobre a Bela Literatura, em seu ponto de vista um pouco atrasada, o que eles desaprovam especialmente é a prolixidade; a excitação é suficiente. Na verdade, eles sempre leem apenas os títulos, assim como se faz facilmente nos jornais; às vezes, eles o reconhecem, quando muitos dos títulos chamam sua atenção, e denominam isso emoção interior; às vezes ela rouba sua solidão, e então eles a chamam apenas de literatura. Em uma palavra: gênios leem da mesma maneira como se lê hoje.

Portanto, o que eles fazem quando escrevem fica de lado.

Uma pequena teoria

Então seja estabelecida uma pequena teoria. Não deve ser uma grande teoria, que explique esses fenômenos como algo histórico, mas uma derivação a partir de experiências cotidianas. Nossos corações e mentes processam as impressões que recebem, tanto melhor quanto mais relacionadas ou menos individualizadas estiverem; fazemos mais quando nós ou quando as coisas seguem um sistema. Este é um fato conhecido. Ela, a teoria, começa com o trabalho rítmico e vai além do conhecimento de que qualquer trabalho é feito de forma bastante diferente quando se sabe o seu significado, como se ele [o trabalho] se desfizesse em peças individuais apáticas até a força produtiva de grandes teorias científicas, como que de sua consequência se criasse sempre uma variedade de descobertas inesperadas. Até mesmo a força revigorante das emoções interiores, esse crescimento fantástico de décadas de produção intelectual de natureza muito diferente, parece ser nada mais do que o aumento de atividades e as evocações de outras atividades de outra forma não realizadas através do alívio mágico da criatividade pessoal, que concede uma grande ordem comum, ela mesma meramente imaginária. Não sem propósito, a história do espírito corre, especialmente aquela da arte em “direções” e “tendências”: o fim não é, naturalmente, o surgimento da arte mais bela, agora irrevogável, mas um truque psicotécnico que facilita sobretudo o surgimento.

Limitando-se à leitura, pode-se dizer que há uma enorme diferença se se lê com base em convicções gerais ou não. Hoje reconhecemos, surpresos, a quantidade de joio que foi considerada tão relevante na esperançosa época dos anos 1900 como o seu melhor trigo. Mais tarde também iremos nos surpreender da mesma forma em relação a alguns autores que hoje estão em evidência: contudo, mesmo esses erros prestam o mesmo serviço, em certo sentido, que os acertos. Eles auxiliam o leitor a se encontrar ou, para dizer o que de fato ocorre, eles ajudam a reforçar a sugestão, por meio da qual surgem suas impressões em

um sistema de alívio e de propagação de energia mútuos, o que por sua vez é mais eficaz do que o egocentrismo da “formação pessoal” ou da “personalidade moral humana”, que nós – já um pouco lentos – adotamos como um legado do século XVIII. Porém, quando diversas dessas correntes se encontram em um mesmo momento, isso naturalmente significa tanto quanto nenhuma corrente, e ocorre o espetáculo estranho, de que ainda havia movimento disponível, sim, que ele, considerado individualmente, pareça muito mais que ainda disponível em excesso. Não levando isso em consideração, em geral, torna-se perceptível uma rápida perda de força.

Anos sem síntese

Como os participantes percebem com algum espanto, os anos em curso deveriam estar caracterizados por tal interferência de ondas que se anulam reciprocamente. Uma das ilusões mais injustas é fazer a si mesmo ou os outros a imaginarem que hoje não exista nenhuma obra poética de valor artístico suficientemente grande; pelo contrário, provavelmente seria possível enumerar com facilidade duas dezenas de nomes que, juntos, dão uma medida de habilidade, ousadia, liberdade e outras propriedades fundamentais, o que não leva a temer a comparação com qualquer outra variedade da nossa literatura; mas eles não resultam em nenhuma síntese, nem real, nem imaginária; não se pode – falando grosseiramente e compreendendo literalmente – começar nada completo com eles: e isso explica muito a respeito do sentimento de desânimo e frustração que é fortalecido pelo presente. Tal queda, que compreende a força literária de certo modo em um sentido geral, em primeiro lugar não consiste no fato de que existam poucas obras boas, nem de que entre aquelas boas se interponham várias ruins, mas se manifesta previamente com certa inquietação, impotência, até mesmo liberalidade de gosto; este ainda se mantém, mas não se sustenta mais com firmeza. Tudo flui através de todos os tipos de articulações, o que antes teria sido impossível; começa-se a perder a noção das distinções de classes das obras, e cita-se de uma só vez – por exemplo, Hamsun⁶ e Ganghofer⁷.

6 Knut Hamsun nasceu em 1859 em Gudbrandsdalen, na região central da Noruega. Foi Prêmio Nobel de Literatura em 1920. Era o quarto filho de Peder Petersen, um habilidoso alfaiate, e Tora (Olsdatter Garmotraedet) Pedersen. Quando Hamsun tinha três anos, a família se mudou para a cidade de Hamarøy, cerca de 150km a norte do Círculo Polar Ártico. Lá Peder Petersen tomava conta de uma fazenda cujo dono era seu cunhado Hans Olsen que cuidava da biblioteca da vila e de uma agência de postagem. Olsen sofreu uma doença degenerativa e cobrou da família Petersen o dinheiro que estes lhe deviam. Hamsun começou então a trabalhar para o tio, cuidando da agência de postagem e cortando lenha para pagar o débito. Hamsun chamava o tio de “mensageiro da morte de barba vermelha”.

7 Ludwig Albert Ganghofer nasceu no dia 7 de julho de 1855, em Kaufbeuren e morreu no dia 24 de julho de 1920, junto ao Tegernsee. Foi um escritor alemão que se tornou conhecido pelos seus romances de amor à pátria, romances de cunho local.

Este exemplo ainda hoje parece ser impossível, mas não se acreditava que o caminho da validação de Hebbel até Wildenbruch fosse longo!

Em um momento como esse, é preciso lembrar que existe um sistema, uma síntese, que é mais importante que poetas, mais abrangente e duradoura que correntes: a literatura.

Por mais óbvio que isso pareça, e geralmente também é dito com meio sentido, não se pode ignorar que isso não significa menos do que a inversão de práticas estabelecidas. Inverte-se não apenas a obviedade de que a literatura é mais importante que suas correntes, mas também são invertidas, entre outras, tais crenças como a que a arte seria um dom divino, um encontro agradável com pessoas únicas e grandiosas, uma recuperação e de toda forma uma exceção do ser humano. Tomar a literatura com seriedade significa introduzir um conceito coletivo de trabalho em uma ilha sagrada, e se quisermos expressar isso com maldade, utilizar a fauna desta ilha abençoada para conservas. Esta é sem dúvida uma tarefa sobre a qual é necessário admitir que ela pode se transformar tão facilmente em um exagero como em uma carência.

Literatura e Leitura

Literatura utilizada como tal significa não direcionar o interesse à soma e ao museu de obras, mas à função, à ação, à vida dos livros, sua síntese em um efeito contínuo e crescente. O esforço humano que milhares de pessoas, entre elas algumas muito talentosas, direcionam à escrita de um poema ou de um romance não pode ser esgotado pelo fato de eles agradarem uma quantidade de leitores, como se uma nuvem de estímulo e movimento emanasse deles, pairando por algum tempo no ar e sendo então espalhada por todos os tipos de correntes de ar. Nosso sentimento e uma experiência difusa se arrepiam diante disso. No entanto, quando nos deparamos com uma obra ou um poeta, permanecemos sempre de novo sozinhos diante deles, somos tocados por eles, movidos de nosso lugar, mas novamente abandonados, e toda poesia é seu próprio começo. O que chamamos de História da Literatura é, no entanto, um esforço dirigido à adesão, mas com suas explicações sobre o passado a partir das exigências de seu tempo e suas análises causais mais ou menos confiáveis de grandes pessoas, ela ajuda, mesmo que se a imagine como finalizada, na compreensão, ainda que não – ou apenas indiretamente – na vivência. Enquanto ela se mantiver nos limites seguros de sua tarefa, ela não é diretamente a ordem das experiências e das impressões, mas a análise e a síntese de pessoas, épocas, estilos e influências – ou seja, algo completamente diferente.

Mas tão bem como uma obra de arte em toda a sua singularidade pode ser colocada em uma ordem histórica, que não é apenas cronológica, ela também

o pode ser em uma outra. Já o processo instintivo da leitura não dirige seu interesse a mais nada além do efeito, do significativo, do valor percebido do livro – isso significa, do efeito, da importância, do valor adquirido pessoalmente – e dessa forma certificar que eles não se percam novamente. Perguntando-se pelos processos através dos quais isso ocorre, até o vislumbre mais fugaz ensinará a reconhecê-los em si mesmo. Assume-se elementos mentais que podem facilmente ser preservados; nós mesmos experimentamos ideias, esclarecimentos, visualizações que foram estimulados durante a leitura e permanecem, até mesmo quando o motivo há muito já foi esquecido. Recai-se na sensação e resumem-se as percepções pelas quais se foi contagiado como experiência em forma de palavra ou como resoluções em um cenário fixo, ou se as deixa entregues a si mesmas, que então, liberando sua energia de forma lenta e dispersa, desaparecem em meio aos demais sentimentos. Também se preservam o desconhecido e o indescritível das obras – o ritmo, a forma, a transição, a fisionomia do todo – por algum tempo de forma puramente mimética, assim como se é contagiado de forma semelhante por pessoas impressionantes, como, por assim dizer, gestos interiores, ou se tenta resumir isso em palavras. Seria muito difícil especificar completamente esses processos, mas a direção na qual está seu objetivo em breve será reconhecido. O que falta a esses esforços involuntários é apenas a síntese em direção a um todo.

Porém, entendendo-se literatura como a soma das poéticas, ela também não é um todo. Ela seria então uma enorme reunião de exemplos, sendo que cada um deles é diferente e, no entanto, já existia; cada um deles é entendido de forma diferente em relação ao outro e, no entanto, é compreendido em determinadas uniformidades, uma oportunidade de tamanho indescritível, sem início e sem fim, um labirinto de fios maravilhosos, mas que não é uma rede. Tal agrupamento de leitores e de livros apenas se transforma em literatura quando é acrescentado à soma das obras o conceito central das experiências de leituras trabalhadas. Ou em outras palavras: a crítica.

Crítica vista dessa forma

Há muitas pessoas que negam que a crítica seja possível neste sentido, pressupondo de alguma forma um acima e um abaixo, a escolha de algumas direções, nas quais uma progressão vale como progresso. Nossa época levou consigo o pavor em relação à regra de três estética de uma geração anterior, com a qual se pretendia regular a arte a partir de bustos clássicos de gesso. O Impressionismo confiou neste gosto, imaginando erroneamente que a arte encontre algum caminho, fisiologicamente não muito claro, direto até o coração. O Neoidealismo e o Expressionismo operavam com alguma “noção” de

pensamentos não menos direta, que não coincide totalmente com a reflexão da qual depende. Mesmo a estética em si, renovada por algumas mentes brilhantes, nega hoje sua própria aplicabilidade na prática; quem já brincou com fogo e se queimou não quer mais ser normativo. O resultado foi a crítica da própria impressão e a crítica da artilharia verbal, a crítica da ressonância em conjunto e da ressonância sobre, que têm consciência da responsabilidade na confusão do saber atual.

A situação da crítica, no entanto, não é mais difícil do que a da moral. Também não nos é permitido de forma alguma conhecer as leis morais divinas e imutáveis; a moral é construída pelas pessoas em seu intercâmbio, as quais a vivenciam e complementam o restante; ainda assim, não é possível negar que ela possua um sistema que é ao mesmo tempo mutável e fixo. A crítica, nesse sentido, não tem nada a ver com a poesia, mas sim um pouco com seu entrelaçamento. Ela complementa os resultados ideológicos em uma tradição – ainda que deva ser considerada ideologicamente de forma mais ampla, que abrange também os valores expressivos das “formas” – e não permite a repetição do mesmo sem um novo sentido. Ela é interpretação da literatura, que passa pela interpretação da vida, e proteção ciumenta do nível alcançado. Tal tradução do, em parte, irracional para o racional nunca acontece plenamente; mas aquilo que é simplificação, excerto ou até mesmo lixiviação tem, juntamente com as desvantagens, a flexibilidade versátil e a grande quantidade de relações de sentido. Dessa forma, ela é menos e mais, fica em débito à vida em particularidades e lhe concede por isso algo geral como qualquer ordem ideológica. Com um saber melhor e um saber tudo essa crítica tem pouco a ver; ela pode errar, pois ela nunca se desenvolve a partir de um, mas a partir de todos os lados, do esforço de muitos, de um interminável processo de revisões; em última análise, ela se desenvolve a partir dos livros criticados em si, pois cada obra significativa tem a capacidade de derrubar tudo aquilo em que se acreditava antes dela.

Da estupidez

Trad. de Henrique Garcia¹

Rev. Gerson Roberto Neumann²

Conferência proferida em Viena, no dia 11 de março de 1937, e repetida em 17 de março seguinte, a convite da Federação Austríaca do Trabalho.

Senhoras e Senhores,

Quem quer que, hoje em dia, pretenda falar sobre a estupidez, enfrenta uma série de dificuldades: pode ser acusado de arrogante, de pretensioso ou até mesmo de querer perturbar o desenvolvimento natural da sociedade contemporânea. Como já escrevi há alguns anos: “Se a estupidez não fosse tão similar ao progresso, ao talento, à esperança e ao avanço, não seria da vontade de ninguém ser estúpido.” Isso foi escrito em 1931, e ninguém ousa duvidar de que o mundo já viu muitos progressos e avanços desde então! Assim, coloca-se aos poucos uma pergunta impostergável: que é, afinal, a estupidez?

Não gostaria de omitir o fato de que, na qualidade de escritor, conheço a estupidez há bastante tempo; com efeito, posso até afirmar que nós dois temos mantido uma relação colegialmente íntima! Porém, tão logo alguém abre os olhos no mundo das letras, encontra diante de si uma resistência difícil de descrever, e que parece ser capaz de assumir qualquer forma: seja pessoal, como na respeitável figura de um professor de literatura que, acostumado a fitar distâncias nebulosas, perde desgraçadamente o contato com o presente; seja genérica ou onipresente, como na transformação do juízo crítico em juízo comercial, dado que Deus, em sua insondável Providência, também quis conceder o dom da linguagem humana aos produtores de cinema falado. Já descrevi esse fenômeno algumas vezes, e não irei me repetir nem acrescentar nada (até porque isso

¹ Estudante do curso de Bacharelado Português/Alemão da UFRGS.

² Professor Adjunto do Setor de Alemão da UFRGS.

provavelmente seria impossível, dadas as proporções colossais que tudo tende a assumir hoje); basta salientar, de maneira definitiva, que a falta de sensibilidade artística de um povo não se revela apenas em épocas difíceis e de forma violenta, mas também em épocas tranquilas e de forma ordinária, na medida em que a opressão e a censura passam a distinguir-se somente em grau dos títulos de doutor *honoris causa*, da concessão de prêmios e das nomeações para academias.

Sempre suspeitei que essa resistência multiforme à arte e às coisas mais refinadas do espírito por parte de um povo que se preza de cultivá-las não fosse senão estupidez – talvez de um gênero especial, uma peculiar estupidez artística e até mesmo sentimental? –, que se expressasse em todo caso de tal forma que o que chamamos de beleza de espírito também fosse ao mesmo tempo uma estupidez de espírito. Ainda hoje, de fato, não vejo motivos para abandonar essa opinião. Naturalmente, não se podem reduzir à estupidez todos os fatores que contribuem para a deformação de uma atividade tão profundamente humana como a arte: como a experiência dos últimos anos nos mostrou, também é preciso levar em conta os diversos tipos de falta de caráter. No entanto, devemos rechaçar a objeção segundo a qual a estupidez não desempenha papel algum nesse caso por estar relacionada à razão e não aos sentimentos, enquanto a arte depende destes últimos. Seria um erro. Mesmo o *prazer estético* já é *juízo* e sentimento. E, se me permitem, gostaria não apenas de acrescentar a essa fórmula, que tomei emprestada de Kant, o lembrete de que o filósofo se referia a determinada faculdade do *juízo* estético e a determinado *juízo* de gosto, mas também de recapitular a seguir as antinomias a que isso leva:

Tese: o *juízo* de gosto não se fundamenta em conceitos, caso contrário seria possível discuti-lo (deliberar por meio de demonstração).

Antítese: o *juízo* de gosto se fundamenta em conceitos, caso contrário não se poderia sequer discuti-lo (buscar um consenso).

Cabe perguntar: será que um *juízo* semelhante, com antinomias semelhantes, também não subjaz à política e à confusão da vida em geral? E não é de esperar que, onde se encontram o *juízo* e a razão, também se apresentem ali suas irmãs e irmãzinhas, os diversos tipos de estupidez? Que isto sirva para mostrar a importância do assunto. Em uma obra ainda hoje fascinante e insuperável, o “Elogio da Loucura”, Erasmo de Roterdã escreveu que, a não ser por certas imbecilidades, o homem nunca teria vindo ao mundo.

Uma prova do domínio constrangedor e poderoso que a estupidez exerce sobre nós é fornecida pela surpresa amável e conspirativa de muitas pessoas quando descobrem que alguém em que tinham depositado confiança quer evocar o nome desse monstro. Essa experiência, não só a observei primeiramente em mim mesmo, como ainda descobri sua validade histórica quando, ao pesqui-

sar sobre predecessores que tivessem tratado da estupidez (dos quais encontrei pouquíssimos; parece que os sábios preferem escrever sobre a sabedoria), recebi de um duto amigo a versão impressa de uma conferência proferida em 1866 por Johann Eduard Erdmann, o discípulo de Hegel e professor na Universidade de Halle. Essa conferência, intitulada “Sobre a Estupidez”, já começa com a notícia de que provocou risadas por ocasião do seu anúncio. Tendo verificado assim que até os hegelianos riem, estou persuadido de que tal reação por parte das pessoas a quem se pretende falar sobre a estupidez tem alguma motivação especial, e sinto-me bastante inseguro, convencido como estou de ter desafiado uma força psicológica poderosa e profundamente ambivalente.

Portanto, prefiro confessar desde já meu calcanhar de Aquiles: não sei o que é a estupidez. Não elaborei nenhuma teoria sobre ela capaz de salvar o mundo; mesmo dentro dos limites do rigor científico, não encontrei nenhum estudo que a tomasse por tema, nem me deparei com algum tipo de consenso acerca da sua definição que, bem ou mal, tivesse resultado da análise de temas análogos. Pode ser que isso se deva à minha ignorância, mas é mais provável que a pergunta “Que é a estupidez?” não corresponda à nossa forma de pensar atual, assim como não lhe correspondem as perguntas sobre a natureza da bondade, da beleza ou da eletricidade. Todavia, o desejo de definir esse conceito da maneira mais sóbria possível e de responder a essa questão preliminar a toda a vida continuava atraente. Assim, também eu um dia sucumbi à tentativa de responder o que a estupidez verdadeiramente fosse, em vez de apenas descrever suas manifestações exteriores, o que talvez correspondesse mais a meu talento e vocação profissional. Mas, já que não queria tratar do tema de forma poética nem estava em condições de fazê-lo com meios científicos, escolhi o expediente mais inocente disponível e que sempre ocorre espontaneamente em tais casos: investiguei o uso da palavra estupidez e de seus sinônimos, procurando-lhes os exemplos mais frequentes, tentando correlacionar o que escrevia. Infelizmente, tal procedimento se assemelha um pouco a uma caçada de borboletas: durante algum tempo perseguimos, atentos, o que acreditamos estar observando; mas, uma vez que, de outras partes, se aproximam outras borboletas quase idênticas, com idênticos movimentos em ziguezague, logo não sabemos mais se ainda estamos perseguindo a mesma. Do mesmo modo, é difícil distinguir se os exemplos da família “estupidez” têm uma ligação profunda entre si ou se apenas evocam uns aos outros de maneira casual e exterior: e não será nada fácil reuni-los sob um guarda-chuva, do qual se possa afirmar que pertença verdadeiramente a alguém estúpido.

Nessas circunstâncias, é quase indiferente como se começa. Façamos, pois, de um modo qualquer, tratando imediatamente da dificuldade que consiste

no fato de que toda pessoa que queira falar sobre a estupidez ou assistir com proveito a uma discussão sobre ela deve pressupor que ela mesma não seja estúpida, manifestando assim uma pretensão de inteligência que, no entanto, geralmente é considerada um sinal de estupidez! Se se investiga o porquê de a pretensão de inteligência ser considerada estúpida, surge imediatamente uma resposta que parece estar coberta do pó dos conselhos antigos, pois sustenta que é mais prudente não mostrar-se inteligente. É provável que essa prudência extremamente pessimista, que hoje não é mais sequer compreensível à primeira vista, tenha se originado de situações em que realmente era mais vantajoso para o fraco não passar por inteligente, pois sua inteligência poderia ameaçar o mais forte. A estupidez, pelo contrário, elimina qualquer suspeita; ela “desarma”, como se diz hoje. Rastros dessa arte antiga, dessa estupidez astuta, ainda podem ser encontrados nas relações de dependência em que as forças são tão desiguais que a parte mais fraca busca salvar-se fingindo ser mais estúpida do que é, como na assim chamada astúcia do povo, nas relações do servo para com seus senhores cultos, nas do soldado para com o seu superior, nas do aluno para com seu professor e nas da criança para com seus pais. Os donos do poder se irritam menos quando os fracos não podem do que quando eles não querem. A estupidez destes os conduz até mesmo ao “desespero”, ou seja, ao que é indubitavelmente um estado de fraqueza!

Está em perfeito acordo com isso o fato de que a inteligência facilmente os “encolerize”. É certo que a inteligência é valorizada nos subordinados, mas apenas na medida em que esteja atrelada à incondicional submissão. Assim que ela perde esse distintivo de bom caráter e não se sabe mais se é vantajosa para o dominador, passa a ser chamada não tanto de inteligência como de orgulho, insolência ou malícia; e então muitas vezes surge uma situação na qual ela parece afrontar a autoridade e a honra do poderoso, mesmo que não represente nenhuma ameaça real à segurança deste. Na educação, isso se traduz no fato de que um aluno talentoso e rebelde é tratado com mais severidade do que um recalitrante obtuso. Na moral, o resultado disso foi a concepção de que a vontade de um homem fosse tanto mais perversa quanto maior o conhecimento que contradiz pelos seus atos. Nem mesmo a Justiça ficou inteiramente isenta desse preconceito pessoal, avaliando de maneira especialmente severa a execução inteligente de um crime como “requintada” e “insensível”. E exemplos na política tampouco são difíceis de encontrar.

Mas a estupidez – é provável que se levante tal objeção – também pode irritar, e não é verdade que seja apaziguadora em todos os casos. De fato, ela também provoca impaciência, em casos excepcionais até mesmo crueldade; e as aberrações terríveis dessa crueldade patológica geralmente denominada de sadismo muitas vezes têm gente estúpida no papel de vítima. Evidentemente, isso se dá porque os estúpidos caem presa de cruéis com mais facilidade do que

os outros, mas também parece ter relação com o fato de que sua perceptível falta de resistência estimula ferozmente a imaginação, como o odor de sangue estimula o prazer da caça, conduzindo-a a um deserto em que a crueldade vai “longe demais”, praticamente não encontrando barreiras. Isso constitui um traço de sofrimento naquele mesmo que o inflige, é uma fraqueza embutida em sua truculência; e, embora a indignação da compaixão ofendida raramente permita notá-lo, tanto o amor quanto a crueldade exigem dois elementos que se conformem mutuamente! Naturalmente, seria muito importante discutir esse problema em vista de uma geração como a nossa, tão atormentada por sua “crueldade covarde para com os mais fracos” (suponho que seja essa a conceituação mais frequente para o sadismo); mas, considerando a argumentação em sua linha principal e depois de uma revisão rápida dos primeiros exemplos, tais comentários já são provavelmente um desvio, e a única conclusão a retirar-se deles é a seguinte: pode ser estúpido presumir-se de inteligente, mas nem sempre é inteligente ter fama de estúpido. Nada aqui pode ser generalizado – ou a única generalização admissível seria afirmar que a atitude mais sensata nesse mundo consiste em fazer-se notar o menos possível! De fato, essa conclusão já foi aduzida não poucas vezes como síntese de toda a sabedoria. No entanto, costuma-se interpretar essa conclusão misantrópica de forma apenas parcial ou simbólica e representativa, o que conduz o pensamento à esfera das regras de modéstia e de regras ainda mais abrangentes, sem que ele abandone de todo o domínio da estupidez e da inteligência.

Na verdade, muitas pessoas se consideram inteligentes, embora não o digam, seja por medo de parecerem estúpidas ou de ferirem os bons costumes. E, quando se veem forçadas a tratar do assunto, tergiversam, dizendo de si mesmas: “Não sou *mais estúpido* do que os outros”. Ainda mais comum é fazerem a seguinte observação, da forma mais objetiva e sóbria possível: “Posso dizer que tenho uma inteligência normal”. E muitas vezes a crença na própria inteligência aparece de forma implícita, como na expressão: “Não vou me deixar fazer de bobo”. Ainda mais digno de nota é o fato de que não só o próprio indivíduo se considera secretamente inteligente e dotado, mas também o homem influente, assim que alcança o poder, imediatamente diz ou manda dizer que é extremamente culto, iluminado, nobre, generoso, eleito por Deus e predestinado pela História. Também diz isso a respeito de outras pessoas, caso se sinta iluminado por seu reflexo. Tudo isso foi fossilizado em títulos e vocativos como majestade, eminência, excelência, magnificência, senhoria, entre outros, que raramente correspondem a algo vivo na consciência, mas também se manifesta em pleno vigor quando o homem de hoje em dia fala como representante da massa. Em especial, há um proletariado da alma e do espírito que não se envergonha com a soberba, tão logo encontra guarida em partidos, nações, seitas, movimentos artísticos e pode dizer “nós” em vez de “eu”.

Com uma ressalva compreensível e trivial, essa soberba também pode ser chamada de vaidade. Efetivamente, a alma de muitos povos e nações hoje parece dominada por sentimentos entre os quais a vaidade ocupa sem dúvida um lugar proeminente; por outro lado, há desde tempos imemoriais uma conexão íntima entre a estupidez e a vaidade, e talvez essa conexão nos proporcione uma indicação útil. Um estúpido geralmente aparece como vaidoso porque lhe falta a inteligência para ocultá-lo; na realidade, porém, não há necessidade disso, já que a relação entre estupidez e vaidade é imediata: um vaidoso transmite a impressão de fazer menos do que seria capaz; assemelha-se a uma máquina que deixa escapar o vapor através de uma fresta. É exatamente esse o sentido do antigo adágio segundo o qual “a estupidez e o orgulho crescem do mesmo galho”, assim como o da expressão: “a vaidade cega”. O que relacionamos com o conceito de vaidade é efetivamente a expectativa de um desempenho reduzido, já que o significado primordial da palavra “vaidoso” é quase o mesmo que “vão”. E essa redução de desempenho também é esperada quando há desempenho efetivo: afinal, vaidade e talento também se encontram frequentemente juntos, embora nesses casos tenhamos a impressão de que o desempenho poderia ser maior caso o próprio vaidoso não criasse obstáculos para si mesmo. Essa ideia persistente de um desempenho reduzido configura assim a ideia mais universal que temos de estupidez.

Entretanto, como se sabe, procura-se evitar o comportamento vaidoso, não porque possa ser estúpido, mas sobretudo – também nesse caso – porque fere a decência. “O autoelogio é fedorento”, diz um provérbio alemão, e isso indica que a jactância e o hábito de falar muito de si mesmo são considerados não apenas tolos, mas também indecentes. Se não me equivoco, as normas de decência aí violadas fazem parte dos múltiplos preceitos de discrição e distanciamento cujo objetivo é evitar conflitos motivados pela presunção, o que pressupõe sempre que esta não é menor no próximo do que em nós mesmos. Tais preceitos de distanciamento condenam também o uso de palavras demasiado sinceras, regulam formas de tratamento e saudação e impedem que as pessoas se contradigam sem pedir desculpas ou que as cartas comecem com a palavra “eu”; em suma, exigem a observância de certas regras para que não nos “aproximemos em excesso” uns dos outros. O objetivo dessas regras consiste em suavizar a comunicação, em facilitar o amor próprio e ao próximo e em conservar os relacionamentos humanos em uma temperatura amena, por assim dizer. Tais preceitos podem ser encontrados em qualquer sociedade, nas primitivas até mais do que nas altamente civilizadas. De fato, mesmo os animais, ainda que sem fala, os possuem, como é fácil deduzir de muitas de suas cerimônias. Contudo, esses preceitos de distanciamento impedem não só jactar-se como também enaltecer os outros de forma demasiado invasiva. Dizer na cara de alguém que é um gênio ou um santo é quase tão aberrante quanto dizê-lo de nós mesmos; e insultar o próximo não

é, para a sensibilidade atual, melhor do que sujar a cara e arrancar os cabelos. Satisfazemo-nos com a observação de que não somos muito mais estúpidos ou piores do que os outros, como já dito!

Em circunstâncias normais, evidentemente, é nas afirmações desmedidas e atrevidas que bate o ponto. E já que falávamos anteriormente da vaidade, pela qual povos e partidos se arvoram hoje de iluminados, convém acrescentar que a maioria hedonista – como o megalomaniaco em seus delírios – crê deter o monopólio não só da sabedoria como da virtude, acreditando-se corajosa, nobre, invencível, piedosa e bela; e que as pessoas, quando se reúnem em massas, têm uma propensão particular a fazerem coletivamente tudo o que lhes é vedado enquanto indivíduos. Esses privilégios de um “Nós” com inicial maiúscula indicam que a civilização e a domesticação crescentes dos indivíduos são compensadas hoje em dia por um embrutecimento proporcional das nações, dos Estados e dos grupos ideológicos, o que evidentemente revela um distúrbio emotivo ou do equilíbrio emotivo que no fundo precede o contraste entre *eu* e *nós* assim como qualquer forma de valorização moral. Mas – surgirá a pergunta – trata-se ainda de estupidez nesse caso? De fato, será que ela tem qualquer ligação com isso?

Caros ouvintes! Ninguém duvida disso! Mas, antes de respondermos, recuperemos o fôlego com um exemplo bastante simpático. Todos nós, sobretudo os homens e, em particular, os escritores, conhecemos aquela senhora que quer contar-nos a todo custo a novela da sua vida e cuja alma parece ter se encontrado sempre em situações interessantes sem ter alcançado nunca reconhecimento – o qual, todavia, ela espera exatamente de nós. É estúpida essa senhora? Algo resultante da torrente de impressões nos sugere: sim! Entretanto, a cortesia, assim como a justiça, demanda a ressalva de que ela não o é completamente, nem sempre. Ela fala muito de si mesma, já falando, de modo geral, muito. Ela julga com bastante convicção e a propósito de tudo. É vaidosa e indiscreta. Frequentemente nos prega sermões. Sua vida sentimental é problemática, e de modo geral a própria vida lhe é ingrata. Mas também não há outros tipos de pessoas a quem se poderia aplicar tudo isso ou pelo menos a maior parte? Falar muito de si mesmo, por exemplo, também é um vício dos egoístas, dos inquietos e mesmo de certos melancólicos. Isso também se manifesta exemplarmente nos jovens, de cujo processo de amadurecimento faz parte falarem muito de si mesmos, serem vaidosos, sabichões e terem a vida desorganizada, demonstrando, em suma, os mesmos desvios da inteligência e dos bons costumes, sem que por isso sejam estúpidos ou mais estúpidos do que se espera em virtude do fato de ainda não terem chegado a ser inteligentes!

Senhoras e senhores! Os juízos da vida cotidiana e sua antropologia muitas vezes estão certos, mas também costumam errar. Eles não visam a formar uma autêntica doutrina: tudo o que representam são atos psíquicos de consentimento ou defesa. Por isso, também esse exemplo apenas nos ensina que algo pode ser estúpido, mas não precisa sê-lo necessariamente, que o significado muda

conforme o contexto em que aparece e que a estupidez está intimamente vinculada a outras coisas, sem que se encontre por nenhum lado o fio que permita desenrolar esse tecido. Mesmo a genialidade e a estupidez estão inseparavelmente unidas, e o impedimento (sob a pena de ser considerado estúpido) de falar muito e de falar muito sobre si mesmo é contornado pela humanidade de um modo curioso: por meio do escritor. O escritor pode declarar em nome da humanidade que comeu bem, ou que o sol brilha no céu; pode desnudar sua alma, revelar segredos, fazer confissões, prestar contas cruéis de seus atos (alguns escritores pelo menos o fazem!); e tudo isso como se a humanidade se desse ao luxo de uma exceção àquilo que, em outras situações, proíbe. Assim, a humanidade fala incessantemente sobre si mesma e, com a ajuda do escritor, já contou milhões de vezes as mesmas histórias e experiências, variando meramente as circunstâncias, sem ganhar com isso nenhum progresso ou incremento intelectual. Afinal, não haveria que suspeitar a presença da estupidez também no uso que se faz da literatura e na adaptação da literatura a esse uso? A mim não me parece de mau alvitre!

De qualquer forma, entre o campo de aplicação da estupidez e o da imoralidade – entendida esta última em seu sentido amplo, hoje incomum, quase equivalente à falta de espiritualidade [*Ungeistigkeit*], mas diferente da obtusidade [*Unverständigkeit*] – há uma identidade e diferença complexas. E essa relação é indubitavelmente similar ao que Johann Eduard Erdmann disse em um importante trecho de sua conferência já citada, no qual afirma que a rudeza é a “práxis da estupidez”. Segundo Erdmann, “as palavras... não são a única forma em que se expressa um estado psíquico. Este também se expressa na ação. O mesmo ocorre com a estupidez. Chamamos de rudeza não apenas ser estúpido, mas também agir como tal, isto é, cometer estupidezes” – daí a práxis da estupidez – “ou a estupidez em ação”. Essa afirmação atraente não indica senão que a estupidez é uma falha da sensibilidade, pois a rudeza é precisamente isso! De maneira que voltamos àquela “perturbação do afeto” ou do “equilíbrio afetivo” a que já aludimos sem poder esclarecê-la. Mesmo a explicação subjacente às palavras de Erdmann não coincide totalmente com a verdade, pois – independentemente de só visar o indivíduo comum e rude, opondo-o à “cultura”, e de não contemplar, portanto, todas as formas de realização da estupidez – a própria rudeza não é apenas estupidez, nem a estupidez apenas rudeza; por isso, a relação entre emotividade e inteligência quando se fundem para gerar uma “estupidez aplicada” requer ainda muitas explicações, o que torna novamente necessários alguns exemplos.

Para que o conceito de estupidez seja bem delineado, convém primeiramente refutar a concepção de que a estupidez seja exclusiva ou predominantemente

uma falta de inteligência; já assinalamos que a noção mais geral que temos da estupidez parece ser a da incompetência nas mais diversas atividades, da insuficiência física e mental em geral. Um exemplo expressivo disso encontra-se em nossos dialetos austríacos, quando se denomina um surdo – ou seja, o portador de um defeito físico – de *derisch* ou *terisch*, que provavelmente significa “törisch” [surdo] e se aproxima, portanto, da estupidez [*Torheit*]. A acusação de estupidez é popularmente usada em outras circunstâncias assim como nesse caso. Quando um atleta fracassa no momento decisivo ou comete um erro, diz: “Fiquei abobado!” ou “Não sei onde deixei a cabeça!”, ainda que a participação da cabeça na natação ou no boxe se possa qualificar de vaga. De fato, entre crianças ou esportistas, quem tem gestos desengonçados se vê tachado de estúpido, mesmo que seja Hölderlin em carne e osso. Além disso, há situações de negócios em que os que não são astutos e inescrupulosos passam por estúpidos. Em conjunto, essas são formas de estupidez ligadas a sabedorias mais antigas do que a que hoje goza de aprovação pública; e, se não me equivoco, nos tempos germânicos primitivos não apenas as concepções morais, mas também as noções de prudente, esperto e sábio – isto é, as concepções intelectuais – estavam relacionadas à guerra e à luta. Assim sendo, toda sabedoria tem sua estupidez, e até a psicologia animal descobriu em seus testes de inteligência que a todo “tipo de desempenho” se pode atribuir certo “tipo de estupidez”.

Por isso, se quiséssemos determinar a partir dessas comparações um conceito amplo de inteligência, ele seria provavelmente o de capacidade, e tudo o que é incapaz se poderia, por conseguinte, chamar de estúpido. É isso o que se observa quando uma habilidade pertencente a uma estupidez não recebe ao pé da letra o nome de inteligência. Que tipo de habilidade ocupa o primeiro lugar em um momento determinado e preenche de conteúdo o conceito de inteligência e de estupidez é algo que depende da forma de vida. Em períodos de insegurança individual, o conceito de inteligência é associado à astúcia, à violência, à sagacidade e à agilidade física, ao passo que nos períodos de uma filosofia de vida mais espiritual ou (digamos com as devidas ressalvas) “burguesa”, ele é associado ao trabalho intelectual. Mais exatamente, deveria ser o trabalho intelectual mais elevado, mas no desenrolar das coisas verificou-se a predominância da prestação intelectual [*Verstandesleistung*], que se vê inscrita no rosto vazio sob a dura frente da humanidade ativa; de maneira que hoje, como se não pudesse ser de nenhuma outra maneira, a inteligência e a estupidez se referem apenas ao raciocínio e a seus diferentes graus de competência, embora essa concepção seja mais ou menos unilateral.

A concepção geral de incapacidade unida desde o princípio à palavra “estúpido” – seja no sentido de uma incapacidade genérica, seja no de uma incapacidade específica – tem uma consequência impressionante: os termos “estúpido” e “estupidez”, uma vez que designam a incapacidade genérica, podem

substituir qualquer palavra que indique uma incapacidade específica. Esse é um dos motivos pelos quais a ofensa de estúpido está hoje tão difundida. (Sob outro ponto de vista, também é o motivo pelo qual o conceito de estupidez é tão difícil de ser delimitado, como nossos exemplos mostraram.) Basta ler as anotações à margem em novelas de certa pretensão que tenham permanecido bastante tempo no quase anonimato das livrarias: neste caso, em que o leitor está a sós com o escritor, seu juízo se expressa com frequência mediante a palavra “estúpido!” e seus equivalentes, como “imbecil!”, “absurdo!”, “estupidez inaudita!”, etc. Da mesma forma, essas são as primeiras palavras de indignação proferidas quando alguém se depara com um artista, em exposições artísticas ou representações teatrais, depois de escandalizar-se. Outra palavra que vem a propósito aqui é *kitsch*, termo predileto entre os próprios artistas para expressar um juízo imediato – sem que, ao menos pelo que eu saiba, seja possível definir seu conceito ou explicar seu uso, a não ser pelo verbo *verkitschen*, usado coloquialmente no sentido de “vender a baixo custo” ou “jogar fora”. *Kitsch* também significa, portanto, pechincha, uma mercadoria extremamente barata e descartável, e creio que seja esse sentido, transposto naturalmente ao plano intelectual, aquele que transparece na palavra toda vez que é inconscientemente empregada de maneira correta.

Dado que pechinchas e tralhas entram na palavra *kitsch*, sobretudo no sentido associado de mercadorias imprestáveis e sem valor; e, por outro lado, o conceito de invalidade, de imprestabilidade, também está presente no uso da palavra estúpido, não é exagerado sustentar que tendemos a definir como “de qualquer modo estúpido” tudo aquilo de que discordamos – especialmente quando fingimos respeitá-lo intelectual ou artisticamente! E, para definir esse “de qualquer modo”, é importante reparar que o uso das expressões de estupidez está intimamente ligado a outro uso, que abrange as igualmente imperfeitas expressões para tudo aquilo que seja vulgar e moralmente repulsivo. Isto reconduz nossa atenção a algo já observado, a saber, ao destino comum dos conceitos de “estúpido” e “indecente”. Pois não apenas *kitsch*, uma expressão estética de origem intelectual, mas também os qualificativos morais “porco!”, “asqueroso!”, “monstruoso” “doente!” e “insolente!” são críticas artísticas incisivas em estado embrionário, bem como juízos sobre a vida. No entanto, talvez essas expressões também contenham um esforço intelectual, uma nuance de significado, ainda quando usadas indistintamente; e então o último meio a que se recorre é o grito já quase mudo: “Que indecência!”, que substitui todo o resto e pode dividir o domínio sobre o mundo com o grito: “Que estupidez!”. Pois, evidentemente, esses dois termos podem substituir todos os outros, já que “estúpido” assumiu o significado de uma incapacidade genérica, e “indecente”, o de uma violação genérica dos bons costumes; e, se escutamos sorrateiramente o que as pessoas dizem hoje em dia umas das outras, parece que o autorretrato da humanidade,

tal como vem se desenhando involuntariamente a partir dessas fotografias de grupo recíprocas, se compõe apenas de variações em torno dessas duas palavras de cor desagradável!

Talvez valha a pena refletir sobre isso. Sem dúvida, ambas representam o nível mais básico de um juízo que ainda não chegou à maturidade, uma crítica ainda amorfa, que sente que algo está errado, mas não consegue indicar o quê. O uso dessas palavras é a pior e mais simples forma de defesa que existe, é o começo de uma resposta e ao mesmo tempo sua conclusão. Há algo nisso semelhante a um “curto-circuito” se pensamos que, independentemente do que significam, “estúpido” e “indecente” são empregados como insultos. De fato, o significado dos insultos, como se sabe, não depende tanto do seu conteúdo quanto do seu uso: é bem possível que muitos de nós amemos os burros, mas nos sentiríamos ofendidos se nos chamassem assim. O insulto não é importante pelo que representa, mas por uma mescla de imagens, sentimentos e intenções que não pode de maneira alguma ser expressa, senão apenas indicada. Note-se de passagem que esta é uma característica em comum entre eles e os clichês e estrangeirismos: parecem indispensáveis, ainda que tenham um substituto adequado. Por esse motivo, também, os insultos envolvem um quê de excitante, que se deve à sua intenção, mas não ao seu conteúdo; o modo mais claro de perceber isso talvez sejam as expressões de mofa das crianças: basta a uma criança dizer “Busch!” ou “Moritz!”³ para assim, mediante associações ocultas, conseguir enfurecer a outra.

Mas o que se diz dos palavrões, clichês, modismos e estrangeirismos também se aplica aos chistes, lugares comuns e palavras de amor: o que todos eles têm em comum, por mais diferentes que sejam, é que estão a serviço de uma emoção, e é exatamente sua imprecisão e impropriedade que lhes permite suplantar, no uso, grupos inteiros de palavras mais apropriadas, objetivas e corretas. Evidentemente, há situações na vida que exigem tais abusos, e não podemos negar-lhes o valor; mas é estúpido o que ocorre em tais casos. Essa relação pode ser estudada de modo mais claro em um exemplo frisante da perda da razão, isto é, o pânico. Quando algo atua sobre o homem de forma demasiado violenta, seja um susto ou uma pressão psíquica constante, pode ser que essa pessoa passe repentinamente a agir “sem a cabeça”. Talvez comece a gritar feito uma criança, talvez tente fugir tão cegamente de um perigo que acabe nele se precipitando. Pode ser tomada de um desejo irresistível de destruir, esbravejar ou lamentar-se. Em suma, em vez de se comportar de forma apropriada à situação, ela incorrerá num grande número de ações que, sempre em aparência, e muitas vezes em realidade, são inúteis ou inclusive contraproducentes. Esse tipo de ação nos é mais familiar sob o nome de “ataque de pânico”, mas, estendendo-se o alcance do termo, também

3 N.T. Trata-se aqui de uma referência à obra *Max und Moritz – Eine Bubengeschichte in sieben Streichen*, de Wilhelm Busch (1832-1908), publicada em 1865. Existe uma tradução para o Português, de Olavo Bilac, intitulada *Juca e Chico - História de Dois Meninos em Sete Travessuras*.

se pode falar de um pânico da ira, da ganância e até mesmo da ternura; enfim, de todos os momentos em que um estado de excitação se manifesta sem conseguir acalmar-se, de forma tão agitada quanto cega e absurda. A existência de um pânico da coragem, que se distingue daquele do medo apenas por sua direção oposta, já nos foi confirmada por um homem tão corajoso como inteligente.

Psicologicamente, considera-se que o aparecimento do pânico é acompanhado de uma suspensão da inteligência, uma suspensão, de fato, de toda a faculdade racional, em cujo lugar um mecanismo espiritual mais primitivo emerge; mas pode-se bem acrescentar que, com a paralisação da razão nesses casos, o que ocorre não é tanto uma descida à ação instintiva, mas sim uma descida, através dela, a um instinto de necessidade supremo e a um tipo urgente de ação. Esse tipo de ação assume a forma de uma confusão total: é desordenado e carece aparentemente de raciocínio e qualquer outro instinto de preservação; mas seu objetivo inconsciente é substituir a qualidade da ação pela sua quantidade, e sua esperteza nada desprezível consiste na probabilidade de que, entre mil tentativas cegas fracassadas, uma acabe por atingir o alvo. Uma pessoa que perdeu a cabeça, um inseto que se debate tanto contra a vidraça da janela que por sorte encontra um vão pelo qual “se precipita” para a liberdade, não fazem, à sua maneira confusa, senão o mesmo que as técnicas de guerra de maneira mais calculada e premeditada, quando destroem um alvo com fogos e artilharia ou empregam estilhaços e granadas.

Em outras palavras, isto equivale a substituir um modo de ação intencional, com objetivo preciso, por outro maciço, e nada é mais humano do que substituir a qualidade das palavras e ações por sua quantidade. Mas no uso de palavras imprecisas há algo muito semelhante ao uso de excessivas palavras; pois, quanto mais imprecisa uma palavra, tanto maior é sua abrangência; e o mesmo se pode dizer da falta de objetividade. Se esses modos de dizer são estúpidos, serão o elo de ligação entre a estupidez e o pânico, e mesmo o uso excessivo dessa acusação e de outras similares não estará muito longe de uma tentativa de salvação psíquica com métodos arcaicos e primitivos – e, como se poderia certamente denominá-los, mórbidos. De fato: podemos reconhecer no uso justo da acusação de que algo seja verdadeiramente estúpido ou vulgar não apenas uma limitação da inteligência, mas também um impulso cego à destruição ou à fuga insensatas. Essas palavras não são apenas insultos, mas representam toda uma gama deles. Se há algo que pode ser expresso por meio delas, é algo próximo da violência física. Para retornar a exemplos já citados, pinturas são agredidas com guarda-chuvas (no lugar de quem as pintou), e livros são arremessados ao chão, como se assim pudessem perder o veneno. Mas também se verifica uma pressão debilitadora que precede essa violência e da qual esta visa a livrar: alguém “quase se sufoca” de raiva; “as palavras não são suficientes”, exceto precisamente as mais genéricas e pobres; “a voz some”, “precisa-se de fôlego”, etc. Esse é o estágio da perda da

linguagem – ou dos pensamentos – que precede a explosão! Significa um estado grave de deficiência, e a explosão se vê enfim introduzida pelo enunciado banal e profundo de que “a coisa ficou estúpida demais”. No entanto, essa coisa somos nós mesmos. Em um tempo em que se apreciam grandes energias arrebadoras, é necessário recordar o que se assemelha tanto a ela que pode gerar até confusão.

Senhoras e Senhores! Fala-se muito hoje de uma crise de confiança da humanidade, de uma crise da confiança que nela se deposita, e que pode ser caracterizada como um pânico que está prestes a assumir o lugar da segurança de que somos capazes de tocar nossos negócios de forma livre e racional. E não nos enganemos: esses dois conceitos éticos e também ético-estéticos, a liberdade e a razão, que nos foram legados como emblemas da dignidade humana da época clássica do cosmopolitismo, já desde a metade do século XIX ou pouco depois tinham perdido a vitalidade. Caíram gradualmente “em desuso”, não se sabia mais o que “fazer” com eles e o mérito de sua atrofia coube menos a seus inimigos do que a seus amigos. Não podemos nos iludir, portanto, de que nós, ou mesmo nossos descendentes, recuperaremos essas concepções de maneira intacta; ao contrário, nossa missão e o sentido das provas a que o espírito terá de se submeter será – e esta é a missão assaz mal compreendida, repleta de dor e esperança ao mesmo tempo, de todas as gerações – a de completar com o mínimo possível de perdas a sempre necessária e tão desejada transição rumo ao novo! E quanto mais se tiver negligenciado realizar no tempo certo a transição para ideias igualmente transformadoras e fiéis ao passado, tanto mais indispensáveis serão as noções do que é verdadeiro, racional, importante, sábio – e por isso, no extremo oposto, também do que é estúpido. Mas que noção, ainda que parcial, poderemos formar da estupidez quando as próprias noções de razão e inteligência estão em decadência? Para ilustrar como as concepções mudam com o tempo, gostaria de mostrar um pequeno exemplo. Em um manual psiquiátrico muito lido outrora, a pergunta “O que é a justiça?” acompanhada da resposta “Que o *outro* seja castigado!” são aduzidas como um exemplo de estupidez. Hoje, no entanto, elas formam a base de uma concepção de Direito muito debatida. Por isso, receio que não será possível chegar nem mesmo às mais modestas conclusões sem que pelo menos se indique um núcleo independente de mudanças temporais. Daí surgem ainda algumas outras questões e observações.

Não tenho o direito de me apresentar como psicólogo, nem sequer tentarei fazê-lo, mas me parece que um pouco de atenção a essa disciplina é o primeiro expediente do qual se pode esperar obter alguma ajuda. A psicologia antiga distinguia entre sensação, vontade, sentimento e faculdade intelectual ou inteligência, e para ela estava claro que a estupidez fosse um grau inferior

de inteligência. A psicologia atual, porém, diminuiu a importância da distinção entre os diversos campos da psique, reconheceu-lhes a interdependência e a compenetração, e assim tornou muito mais difícil responder o que significa a estupidez para a psicologia. Naturalmente, também na concepção hodierna admite-se uma autonomia condicional da faculdade intelectual; mas, mesmo nas condições mais tranquilas, supõe-se que a atenção, a compreensão, a memória etc., isto é, quase tudo o que pertence à esfera da razão, depende também da disposição de ânimo. A isso se acresce, tanto na experiência prática como na espiritual, um posterior imbricamento entre a inteligência e a afetividade que é quase indissolúvel. Essa dificuldade em distinguir razão e paixão no conceito de inteligência também se reflete, naturalmente, na noção de estupidez. Se, por exemplo, a psicologia clínica descreve o pensamento dos deficientes mentais como pobre, impreciso, incapaz de abstrair, obscuro, lento, facilmente distraído, superficial, unilateral, rígido, complicado, confuso, vê-se facilmente que essas características apontam em parte para a razão, em parte para as emoções. Portanto, pode-se muito bem dizer que a estupidez e a inteligência dependem tanto da razão quanto do sentimento, ficando a cargo dos especialistas determinar se há predominância de um ou outro no caso da estupidez, por exemplo.

No dia a dia, geralmente é tido por estúpido quem é “fraco da cabeça”. Porém, há variadas formas de aberração intelectual e psíquica que podem obstruir, frustrar e confundir a tal ponto mesmo uma inteligência sã que a reduzam a um estado para cuja descrição a única palavra de que a língua dispõe é estupidéz. Portanto, essa palavra abrange dois objetos fundamentalmente diferentes: uma estupidez simples e honesta e outra que, de forma um pouco paradoxal, é também sinal de inteligência. Enquanto aquela se baseia numa fraqueza de entendimento, esta se baseia num entendimento fraco apenas com respeito a algo particular, sendo este último tipo de longe o mais perigoso.

A estupidez honrada é um pouco difícil de compreender, sendo que se chama de “lerda”. É pobre em imagens e palavras, e estabaneada em sua aplicação. Prefere as coisas banais, porque o banal fica gravado na mente à força da repetição, e uma vez que algo lhe fica gravado na mente, não tenciona deixar que o removam ou analisem facilmente, nem ela mesma pretende refletir a respeito. Ela apresenta de fato muitos sinais de reserva e de melindre! É certo que muitas vezes é vaga e imprecisa no raciocínio, e frequentemente seu pensamento se paralisa diante de novas experiências, mas, em compensação, se deleita no sensível, no que é capaz de por assim dizer contar nos dedos. Em suma, é a amável “estupidéz clara”, e se não fosse tão ingênua, confusa e ao mesmo tempo tão obstinada que dá até ao desespero, seria um fenômeno bem meigo.

Não resisto à oportunidade de tornar esse fenômeno mais palpável com exemplos que o ilustram também sob outros aspectos, e que retirei do “Manual de Psiquiatria” de Bleuler: um imbecil expressa a frase “o médico está à

cabeceira do enfermo” da seguinte forma: “Um homem, ele está segurando a mão de outro, que está na cama, e do lado há uma freira.” Eis a maneira como um pintor primitivo o expressaria! Uma criada não muito desperta considera uma piada de mau gosto a sugestão de que leve suas economias ao banco, onde renderiam juros: “Ninguém”, diz ela, “seria tão bobo de me pagar para guardar meu dinheiro!” Nisto se expressa uma visão cavalheiresca, uma relação para com o dinheiro que se encontrava, na minha juventude, somente em casos raros, entre velhos aristocratas! Em um terceiro imbecil, relata-se como sintoma o fato de afirmar que uma moeda de dois marcos vale menos do que uma de um marco e duas de meio marco, porque – este é seu raciocínio – quando ela é trocada, recebe-se muito pouco de troco! Espero não ser o único estúpido nesta sala que endossa cordialmente essa teoria de valor em pessoas que não prestam atenção quando trocam dinheiro!

Mas voltemos à relação com arte: a estupidez simples é muitas vezes verdadeiramente artística. Em vez de responder a um estímulo verbal com outra palavra, como já foi usual em muitos experimentos, ela responde com frases completas e, diga-se o que quiser, essas frases contêm certa poesia. Reproduzo algumas dessas respostas, antecedidas da respectiva palavra-estímulo:

“Acender: O padeiro acende a lenha.

Inverno: Consiste de neve.

Pai: Uma vez me jogou pela escada.

Casamento: Um tipo de entretenimento.

Jardim: Onde o tempo é sempre bom.

Religião: Quando se vai à igreja.

Quem foi Wilhelm Tell: Encenaram-no em uma floresta; participaram mulheres e crianças disfarçadas.

Quem foi Pedro: Aquele que cacarejou três vezes.”

A ingenuidade e concretude extraordinária dessas respostas, que substituem níveis de conceptualização mais elevados pela simples narração; a ênfase dada nesta a elementos acessórios e supérfluos; a condensação sintética, como no exemplo de São Pedro: tudo isso são recursos literários antigos, e embora eu acredite que o excesso deles, como hoje está na moda, aproxime muito o poeta do idiota, ainda assim não se pode ignorar o elemento poético neste último, e é significativo que na poesia o idiota possa aparecer representado com uma estranha complacência para com o seu espírito.

O tipo de estupidez elevado e pretensioso aparece frequentemente em franca oposição a este tipo honrado. Ela não consiste tanto na falta de inteligência como na sua falha, em razão de presumir realizações a que não tem direito; e pode ter todas as características de uma razão fraca, mas não lhe faltam tampouco as de um sentimento desequilibrado, disforme, de mobilidade irregular, em suma,

doente. Já que não existem sentimentos “normais”, nesse desvio se expressa mais exatamente uma insuficiência de colaboração entre a unilateralidade do sentimento e uma razão que não basta para controlá-la. Essa estupidez mais elevada é a autêntica enfermidade da cultura – uma cultura equivocada ou deformada, ou a desproporção entre a matéria e a forma na cultura – e descrevê-la é uma tarefa quase infinita. Ela alcança inclusive a esfera intelectual mais alta, pois, se a verdadeira estupidez é uma atriz silenciosa, a estupidez inteligente é aquela que contribui para a agitação da vida cultural, especialmente em sua instabilidade e esterilidade. Anos atrás, escrevi sobre essa forma de estupidez dizendo que “não há praticamente nenhuma ideia relevante que a estupidez não esteja em condições de utilizar, ela é ativa em todos os sentidos e pode disfarçar-se com todos os paramentos da verdade. A verdade, ao contrário, só tem um paramento para toda ocasião e um só sentido, estando assim sempre em desvantagem.” A estupidez em causa não é uma doença mental, embora seja a enfermidade mais perigosa da mente, capaz de comprometer a própria vida.

Certamente, cada um de nós deveria esquadrihá-la em si mesmo e não esperar reconhecê-la apenas em suas grandes irrupções históricas. Porém, como reconhecê-la? E qual rótulo inconfundível se pode associar-lhe? A psiquiatria indica hoje como sintoma principal dos casos que se referem a essa forma de estupidez a incapacidade de ter ordem na vida, a desistência em face de todas as tarefas que esta impõe ou a desistência súbita ao confrontar-se com uma tarefa inesperada. Também a psicologia experimental, que estuda principalmente indivíduos saudáveis, define a estupidez de maneira semelhante. “Chamamos de comportamento estúpido aquele que não leva a cabo uma tarefa para a qual todas as condições estão dadas, exceto as dependentes do indivíduo”, escreve um representante famoso de uma das mais recentes escolas dessa disciplina. Esse sintoma de incapacidade para o comportamento objetivo, de eficiência, portanto, aplica-se muito bem aos “casos” óbvios da clínica e do centro de observação de macacos, mas os “casos” livres fazem necessário acrescentar algo mais, porque o “cumprimento” correto ou equivocado da “realização” neles não é tão evidente. Em primeiro lugar, na capacidade de comportar-se sempre como se comportaria um homem animado e esforçado em tais condições está toda a profunda ambiguidade da inteligência e da estupidez, porque o comportamento “apropriado” ou “competente” pode usar a coisa pra seu proveito pessoal ou, pelo contrário, pôr-se a seu serviço, e quem faz uma coisa costuma achar estúpido quem faz a outra. (Se bem que, em sentido médico, estúpido é quem não sabe fazer nem uma nem outra). E, em segundo lugar, não se pode negar que um comportamento sugestivo e mesmo inapropriado pode ser muitas vezes indispensável porque a objetividade e a impessoalidade, a subjetividade e a impropriedade têm parentesco entre si, e por mais ridícula que seja a subjetividade irreflexiva, também é certamente impossível de viver

e mesmo de conceber um comportamento absolutamente objetivo; equilibrar ambas as coisas é uma das dificuldades fundamentais da nossa cultura. Também é possível objetar que em muitas ocasiões nem todos se comportam de forma tão prudente quanto necessário, e que, assim, todos nós somos estúpidos, se não sempre, pelo menos de vez em quando. Por isso, importa distinguir também entre o fracasso e a incapacidade, entre estupidez ocasional ou funcional e contínua ou constitucional, entre erro e falta de sentido. Esse é um dos pontos fundamentais, já que as condições de vida atuais são tão obscuras, confusas e complicadas que das estupidezes ocasionais do indivíduo pode nascer uma estupidez constitucional da comunidade. Isto nos leva, para concluir também fora do campo das qualidades pessoais, a considerar uma sociedade afetada por taras mentais. É certo que não se pode aplicar à sociedade o que se produz psicologicamente e no interior do indivíduo, como as enfermidades mentais e a própria estupidez, portanto, mas atualmente é possível falar-se de uma “imitação social de deficiências mentais”. Os exemplos a esse respeito são evidentes.

Com esses complementos, ultrapassamos novamente o âmbito da explicação psicológica. Esta nos ensina que uma mente inteligente tem certas qualidades, como clareza, precisão, riqueza, elasticidade apesar da solidez, e muitas outras que se poderiam enumerar; e que as referidas qualidades são em parte inatas, em parte adquiridas junto com os conhecimentos que se acumulam como uma espécie de habilidade ao pensar; com efeito, uma boa inteligência e uma mente ágil significam quase a mesma coisa. Para chegar até elas é preciso apenas superar a preguiça; a disposição natural também se pode educar, e a estranha expressão “esporte mental” expressa bem do que se trata aqui.

A estupidez “inteligente”, por sua vez, não se encontra tanto no contraste com o intelecto quanto no contraste com o pensamento e também com o sentimento (uma vez que por ele não se entenda uma mescla de estados sentimentais). Como os pensamentos e os sentimentos se movem juntos, mas também porque neles se expressa o mesmo indivíduo, alguns conceitos como largura, estreiteza, agilidade, simplicidade e fidelidade se podem aplicar tanto ao pensamento como ao sentimento; e, embora a conexão resultante não seja de todo clara, basta para mostrar que a razão participa também do sentimento, e que nossos sentimentos relacionam-se com a inteligência e a estupidez. Contra esse tipo de estupidez atua-se por meio do exemplo e da crítica.

A concepção aqui exposta se distingue da opinião corrente (que não está de todo equivocada, mas é unilateral) de que um sentimento profundo e sincero não só não necessitaria da razão como seria por ela tão-somente contaminado. A verdade é que, em certas pessoas simples, algumas qualidades apreciáveis

como fidelidade, constância, pureza de sentimento e quejandas se apresentam sem mescla, mas só porque a competência das outras qualidades é demasiado fraca. Encontramos anteriormente um caso extremo disso na imagem da idiotice amável. Não tenciono, com essas distinções, menosprezar a disposição bonachona e bem-intencionada – sua ausência é precisamente uma das causas fundamentais da estupidez mais elevada! –, mas o que importa aqui é antepor-lhe o conceito de significado, ainda que de forma utópica.

O significado reúne em si a verdade que podemos reconhecer na referida disposição com as qualidades de sentimento em que temos fé, para alcançar algo novo, uma compreensão, mas também uma decisão, um seguir sempre fortalecido, algo que tem um conteúdo psíquico e espiritual e “exige” um comportamento de nós e dos outros. Poderíamos dizer, por exemplo – e esta observação é relevante em conexão com a estupidez – que o significado é compreensível tanto pelo lado racional quanto pelo lado afetivo da crítica. O significado é também o oposto comum da estupidez e da rudeza, e a desproporção geral em que hoje os momentos emotivos asfixiam a razão em vez de impulsioná-la desaparece no conceito de significado. Mas chega, talvez já tenhamos dito mais do que poderíamos sustentar responsavelmente. Porque, se houvesse que acrescentar algo, seria o seguinte: que, apesar de tudo o que dissemos, não demos nenhum sinal certo de reconhecimento e distinção do significado, e não seria fácil dar sequer um satisfatório. Contudo, isto nos leva ao último e mais importante remédio contra a estupidez: a modéstia.

Todos somos estúpidos de vez em quando, e devemos agir às vezes como cegos ou semicegos; se não fosse assim, o mundo estaria acabado; e, se alguém pretendesse deduzir dos perigos da estupidez a regra: “Abstém-te de julgar e de decidir em tudo o que não compreendas completamente!”, permaneceríamos inertes. Porém, esta situação de que atualmente se fala tanto é análoga a outra, conhecida há muito no âmbito do intelecto. Como nosso saber e nossa capacidade são de fato incompletos, em todas as ciências nos vemos obrigados a emitir juízos aventurados; porém, esforçando-nos, aprendemos a reduzir o referido erro a limites conhecidos e dentro dos quais possamos corrigi-lo. Nada nos impede de transpor esse juízo e essa ação, exatos e cheios a um só tempo de humildade e de orgulho, a outros campos de nossa experiência. E creio que o princípio: “Age tão bem quanto podes e tão mal quanto deves, tendo consciência dos limites da tua ação!” já nos conduziria à metade do caminho para a criação de uma vida cheia de perspectivas positivas.

Mas, com essas observações, já termino minha argumentação que, como afirmei no princípio, não constitui senão um estudo preliminar. E, com o pé no limite, declaro que não estou em condições de ir mais além, porque com um só passo estaríamos fora do âmbito da estupidez, que até em teoria é variado e interessante, e entraríamos no da sabedoria, uma região árida e geralmente evitada pelos homens.



SABl



UFRGS 07064414



núcleo de
editoração
eletrônica
Instituto de Letras-UFRGS

Impresso na Gráfica da UFRGS

